

RELATÓRIO DE impacto 10 anos

Uma década de
informação e
tecnologia pela
equidade de gênero



DEZ ANOS DEPOIS,

seguimos indomáveis



AzMina nasce em 2015 como revista — inquieta, urgente, criada por pessoas que se recusaram a aceitar a forma como o mundo, o jornalismo e o poder tratavam mulheres e pessoas LGBTQIAPN+. Dez anos depois, somos Instituto. Dizem que o tempo voa, mas para quem está na trincheira do jornalismo feminista independente, cada ano é construção de fôlego.

Em 2025, completamos uma década ocupando espaços, pautando o debate público e provando que jornalismo não serve só para informar: serve para acolher, proteger e transformar.

Continuamos fazendo jornalismo porque ele é a nossa base, mas hoje ele se expande com tecnologia feminista, projetos de incidência política, educação, cuidado e parcerias.

Celebrar 10 anos é reconhecer conquistas, mas também encarar o cenário com lucidez. Temos orgulho de

ter participado da transformação do jornalismo brasileiro e de ver o enfrentamento à violência doméstica se tornar pauta incontornável. Ao mesmo tempo, vivemos o avanço do conservadorismo no Brasil e no mundo, ataques sistemáticos aos nossos direitos e o agravamento da violência de gênero. O contexto piorou — e é exatamente por isso que nosso trabalho segue inegociável.



2025 foi a síntese perfeita de que o sonho não morre e que a luta continua!

Colocamos um festival no mundo e reunimos toda a equipe (24 pessoas!) presencialmente em São Paulo, pela primeira vez. Foi o ano em que criamos um clube de leitura; marchamos ao lado de mulheres negras do Brasil e do mundo por reparação e bem viver; lançamos uma IA feminista; e seguimos fazendo e mantendo projetos de impacto que vocês já conhecem, no âmbito do enfrentamento à violência e também dos direitos reprodutivos. Nossas reportagens não apenas denunciaram: moveram estruturas, pautaram políticas públicas e seguiram contando histórias a partir de uma perspectiva interseccional e inclusiva.

Nada disso seria possível sem a confiança da nossa comunidade de leitoras e apoiadoras, sem o apoio de financiadores institucionais como MamaCash, Open Society Foundation, OAK, Luminate e Equality Fund, nem sem as organizações, projetos e pessoas parceiras que caminham conosco.

Na próxima década, insistiremos em sonhar feminismos, em criar tecnologias abertas e acessíveis, em comunicar com impacto, de forma ainda mais próxima das pessoas, para além do digital. ✨



clique e assista

Queremos que vocês sigam com a gente!

sumário

Por dentro da nossa casa	5
Grandes números de uma década inquieta	7
Linha do Tempo	9
2025, o ano em que aprofundamos raízes e ampliamos horizontes	15
<i>Tecnologias feministas</i>	15
<i>Presentes nos grandes momentos do Brasil</i>	16
<i>Presença digital forte</i>	17
<i>Construções em rede</i>	18
<i>Territórios e comunidades</i>	21
<i>Narrativas audiovisuais</i>	22
É impacto que vocês querem?	23
Sobre o que falamos?	27
Os grandes projetos do ano	29
Onde chegamos?	32
Com a palavra, quem nos acompanhou nesta década ...	33
O que esperar d’AzMina em 2026?	35

Por dentro da nossa casa

Em 2025, reafirmamos nosso compromisso com uma gestão viva, que valoriza cada trajetória e sustenta a energia e o engajamento necessários para seguir na luta.

Em 2025, sete novas pessoas chegaram para somar. Agora somos

24 na equipe!



Um grupo intergeracional

38%

25-34 anos

33%

35-44 anos

19%

têm menos de 24 anos

76%

de pessoas não brancas

62%

LGBTQIAPN+



Nosso conselho deliberativo

Uly Zizzo
Conselho Fiscal

Samanta do Carmo
Conselho Deliberativo

Carolina Oms
Conselho Deliberativo

Havanna Marques
Conselho Fiscal

Livia Alen
Conselho Deliberativo

Thais Folego
Conselho Fiscal

Chris Pinto
Conselho Deliberativo

Evelyn Gomes
Conselho Deliberativo

Este foi um ano de fortalecimento da nossa governança, com decisões fundamentais ao lado do nosso Conselho Deliberativo — oficialmente empossado e recomposto por **Carolina Oms**, **Livia Alen**, **Christiane Pinto**, **Evelyn Gomes** e **Samanta do Carmo**, às quais agradecemos toda entrega e generosidade.

Em 2025, celebramos o retorno de **Helena Bertho**, que fez parte da fundação d’AzMina, como Diretoria Estratégica, enquanto **Bárbara Libório**, que até então ocupava o cargo, passou a atuar como Diretora Associada, ciclo encerrado em dezembro.

A Bárbara, nosso profundo agradecimento pelo brilhantismo e pela entrega técnica e afetiva que foram vitais para nosso amadurecimento.

Também renovamos, em 2025, o mandato do nosso Conselho Fiscal, formado por **Havanna Marques** (que agora também é uma associada da nossa organização), **Thais Folego** e **Uly Zizzo**. E tivemos ainda a chegada de seis novas colunistas, que vieram somar vozes, repertórios e análises: **Taina Silva**, **Carol Bonomi**, **Isabela Venturoza** e o trio do História Guardada (**Ana Clara Pecis**, **Isabela Araújo** e **Beatriz Vitória**).✿

Diretoria
Marília Moreira e
Helena Bertho

Grandes números de uma década inquieta

Sustentabilidade financeira

272 apoiadoras diretas

sustentando o trabalho no dia a dia

3,6 mil pessoas acreditaram e doaram

R\$ 1,2 mi em doações de pessoas físicas fortaleceram nossa autonomia

30 financiadores entre fundos filantrópicos internacionais e nacionais, chamadas públicas, empresas privadas e leis de incentivo fiscal

Apoie agora!



Alcance e comunidade

3,8 mi

de pessoas alcançadas por nossos conteúdos e iniciativas

3,2 mi

milhões de acessos em azmina.com.br



407 mil

nos acompanham nas redes sociais

18 mil

assinantes em nossa [newsletter](#)



17 mil


usuárias no PenhaS, com presença em todos os estados brasileiros



Soluções ativas

6 projetos em operação

para informar, proteger e fortalecer mulheres e pessoas LGBTQIA+

- ✦ Revista AzMina
- ✦ PenhaS
- ✦ MonitorA
- ✦ Elas no Congresso
- ✦ QuitérIA
- ✦ abortonobrasil.info 



Conteúdo

912
reportagens publicadas

886
colunas/textos de opinião

649
republicações de reportagens d'AzMina em veículos de imprensa

31
citações e referências em textos acadêmicos

Reconhecimento

18 prêmios

Presença em eventos, prêmios e projetos em 12 países: México, Argentina, Equador, EUA, Tailândia, Peru, El Salvador, Panamá, Áustria, Colômbia, Uruguai, Costa Rica



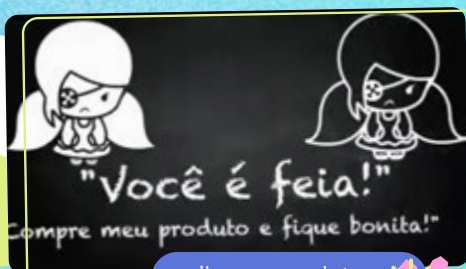
Linha do tempo

2015

Nascemos com apoio coletivo: +R\$ 50 mil levantados quando AzMina ainda era um sonho

Começamos como Revista AzMina:

AZMina revista



clique e assista

2016

A Campanha **#CarnavalSemAssédio** levou às ruas e às redes a defesa do direito das mulheres à diversão sem violência em uma das maiores festas populares do país

E o debate **#PrecisamosFalar Sobre Aborto** rompeu silêncios ao tratar o tema como direito e saúde pública com um time de respeito



clique e assista

Lançamos o livro **Você já é feminista**

A reportagem **O Mito do Aborto Legal** venceu o Prêmio Synapsis FBH de Jornalismo

2017

As campanhas **#MaisQue70** sobre desigualdade salarial entre homens e mulheres e **#VamosMudarOsNúmeros**, que estampou números da desigualdade de gênero nas camisas de jogadores durante uma partida de futebol no Dia da Mulher, levaram juntas cinco Leões de Cannes, maior festival de publicidade do mundo

Nossas reportagens investigativas trataram de **casamento infantil cigano**, **exploração sexual de crianças e adolescentes** e **prostituição**

Ganhamos o **Troféu Mulher Imprensa** como melhor projeto jornalístico



2018

Renovamos a cara do nosso site



Nossas reportagens especiais abordaram **alienação parental**, **maternidade lésbica**, **depressão feminina**, **racismo na moda** e falaram de **mulheres que lutam por moradia no Brasil** e **candidaturas femininas forjadas nas eleições de 2018**

Eu moro na luta

Quem são as mulheres que lutam por moradia no Brasil



Nós fazemos parte do Trust Project

[Quem é isso?](#)

Marilene Moreira e Yndara Monteiro
26 de maio de 2018 (Atualizado em 28 de setembro de 2020)

— Não existem dados unificados e atualizados sobre a população que vive em situação de rua no Brasil. Cada cidade recorre a diferentes métodos para estipular esse número. Estima-se que, em 2015, 101.854 pessoas estavam em situação de vulnerabilidade em 1.924 municípios do país, segundo o estudo nacional mais recente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Para chegar a este número, o IPEA reuniu dados demográficos de pesquisas independentes feitas por prefeituras, comparando a população de rua com a quantidade total de habitantes de cada cidade, sem levar em consideração discriminações de gênero. Então quantas mulheres são moradoras de rua?

Vencemos o **Prêmio Glamour** na categoria **Agitadoras Digitais**

2019

Lançamos o app **PenhaS** com mais de quatro mil mulheres atendidas já no primeiro ano

Baixe **agora:**



Google
Play



Apple
Store

Lançamento da websérie **Café com AzMina**



clique e assista

Reagimos ao ataque público da então ministra Damares Alves à Revista, reafirmando a defesa da liberdade de imprensa e dos direitos das mulheres

Fortalecemos o enfrentamento ao racismo na Campanha **#MeuCabeloNão**, em parceria com a OGX

2020

O mundo enfrentou uma pandemia. Sobrevivemos, seguimos enxergando sob as lentes de gênero, e fizemos uma **cobertura especial e coletiva sobre a Covid-19** ao lado de diversos outros veículos

Lançamos o **Elas no Congresso**, que usa dados públicos para monitorar os direitos das mulheres e pessoas LGBTQIA+ no legislativo federal

O **PenhaS** alcançou 5 mil usuárias e lançamos o primeiro Mapa das Delegacias da Mulher

Criamos o **MonitorA** e a **Maia** – Minha Amiga Inteligência Artificial



Publicamos uma série de reportagens e o relatório **Um Vírus, Duas Guerras: Soluções e Boas Práticas na Coleta e Divulgação de Dados sobre Violência Contra a Mulher na Pandemia**

Falamos na **World Press Freedom Conference** da Unesco sobre os ataques judiciais e online que sofremos e denunciemos o governo de Jair Bolsonaro pelos ataques à imprensa na Comissão Interamericana de Direitos Humanos

2021

Foi chuva de prêmios!

MonitorA venceu o **Prêmio Cláudio Weber Abramo de Dados**

Série de podcast Futurar, d'AzMina com Nós, Mulheres da Periferia, venceu **Prêmio 99 de Jornalismo**

PenhaS venceu o **Prêmio #Rompa**

A reportagem Heroínas Negras e o PenhaS venceram o **Prêmio Respeito e Diversidade do Conselho Nacional do Ministério Público**

Passamos a incluir homens trans e pessoas não-binárias na nossa cobertura como um compromisso editorial

Lançamos a campanha **Pretagonistas** em uma ação no Mês Internacional da Mulher e contamos a história de **cinco heroínas negras brasileiras** apagadas pelo racismo, que foram ilustradas por artistas negras.

Luíza Mahin
Ilustração:
Cássia Roriz



Antonieta de Barros
Ilustração: Flávia Borges



Esperança
Garcia
Ilustração:
Amanda
Lobos



Maria Firmina
dos Reis
Ilustração:
Ana Maria Sena

Aqualtune
Ilustração:
Silvana
Mendes

2022

Estreamos no TikTok e fortalecemos presença no YouTube com o programa “**Mas vocês veem gênero em tudo?**” e as séries **AzMinha dá a letra** e **Exaustas e com tesão?** ✨

Criamos o **Amplifica** em parceria com o Núcleo Jornalismo, uma ferramenta de escuta social e interação no Twitter

O podcast **Corpo Especulado**, ✨ em parceria com o 37 Graus, mostrou a relação conflituosa e historicamente enviesada entre a ciência e o corpo feminino

A candidata Soraya Thronicke usou informações do MonitorA no debate presidencial do SBT para questionar Jair Bolsonaro sobre incitação à violência política de gênero

O app **PenhaS** cresceu mais de **30%** em número de usuárias e interações



2023

Lançamos a plataforma **abortonobrasil.info**, ✨ com uma reunião inédita de dados sobre direitos reprodutivos, e a newsletter **Olha o que ela fez!**, com a produção científica de mulheres brasileiras.

Em parceria com veículos de outros países, publicamos o **especial sobre ódio ao gênero na América Latina** ✨

A nossa cobertura sobre aborto recebeu **Menção honrosa no Prêmio Roche de Periodismo em Salud**

Nosso 8 de Março foi dedicado à luta pelo feminismo que inclui mulheres trans

Fomos escolhidas pela Yves Saint Laurent como parceira no Brasil para o programa global **Abuso Não é Amor**

Nossa **websérie Por Elas Por Nós** venceu o Troféu Mulher Imprensa ✨

Recebemos o selo **The Trust Project** que analisa indicadores de jornalismo confiável

2024

O **PenhaS** ultrapassou 16 mil usuárias (agora já são mais de 17 mil!), chegando a 35% das cidades brasileiras, estreando encontros presenciais em Salvador e Guarulhos

Lançamento do **Manual de Fuga do PenhaS**, ferramenta inédita de apoio a mulheres em risco, com mais de 130 instruções práticas para saída do ambiente doméstico violento

Criamos o **Conselho Deliberativo d'AzMina**, fortalecendo a governança e o crescimento institucional com participação estratégica de cinco mulheres

Fizemos a primeira pesquisa profissional de audiência d'AzMina e lançamos um canal no WhatsApp

Recebemos menção honrosa no Prêmio Mosca pela reportagem **Juristas religiosos se organizam em associações para restringir direito ao aborto** e fomos finalistas do Prêmio Cláudio Weber Abramo com a reportagem **Cada passo importa: mulheres contam como romperam com relacionamentos violentos**

Obtivemos a **certificação do Instituto para o Desenvolvimento do Jornalismo (Projor)** como veículo comprometido com o interesse público

Investigamos o **Lobby Antiaborto no Brasil**, na série de reportagem que gerou mais de 70 republicações

2025

10 anos sonhando feminismos! Completamos uma década de atuação e celebramos com o **Festival AzMina!**

veja pág. 29 ▶

O projeto **Meninas Mães** investigou porque milhares de meninas brasileiras de 10 a 14 anos acabam sendo obrigadas a levar gestações adiante, perdendo a infância e enfrentando violação de direitos

veja pág. 31 ▶

Levamos o Troféu Megafone de Redes Sociais e a reportagem **Vereadores pelo país tentam barrar o acesso ao aborto legal** ganhou menção honrosa no Prêmio Livre.jor de Jornalismo-Mosca.



Construímos a **Coalizão de Mídias Feministas Negras** para cobertura da 2ª Marcha das Mulheres Negras em Brasília

veja pág. 19 ▶

Cobrimos a **COP30** junto a outros 20 veículos na casa do Jornalismo Socioambiental

veja pág. 17 ▶

Confira a seguir todos os feitos e impactos de 2025

2025

o ano em que
**aprofundamos
raízes e ampliamos
horizontes**

2025 foi intenso. Do cuidado interno à presença em grandes agendas globais, seguimos firmes no propósito e trabalhamos em muitas frentes:

Tecnologias feministas

Lançamos a **Quitéria**, a primeira ferramenta de inteligência artificial feminista para monitoramento de proposições legislativas no Congresso Nacional, sob a perspectiva de gênero.

veja pág. 30 ▶

Apresentamos a terceira edição do **MonitorA – Observatório de Violência Política de Gênero Online**, com a análise de ataques e insultos contra candidatas nas redes sociais nas eleições de 2024.

clique e confira ▶



O **PenhaS** segue como ferramenta concreta de enfrentamento à violência doméstica no Brasil.

17.414
usuárias em
2005 cidades
brasileiras

303
atendimentos
individuais em
2025

165
Manuais de
Fuga finalizados

117
consultas ao
Mapa de Pontos
de Apoio

Presentes nos grandes momentos do Brasil

Se rolou algo importante no Brasil, AzMina tava lá:

2ª Marcha das Mulheres Negras, em Brasília. Participamos da construção e cobertura deste evento essencial.





COP30

AzMina foi o único veículo com recorte de gênero na Casa do Jornalismo Socioambiental, iniciativa que reuniu 21 organizações da imprensa de todo o Brasil para a cobertura do evento climático internacional em Belém-PA.

acesse

Congresso Nacional

De embates com as big techs a discussões sobre violência política de gênero, AzMina marcou presença e levou a perspectiva feminista para a agenda política.



Presença digital forte

Crescemos em quase todas as redes, com destaque para plataformas emergentes. Bluesky registrou o maior avanço proporcional do ano: +75,9%. LinkedIn cresceu 25,5% e reforçou a presença institucional e profissional do Instituto. Instagram manteve trajetória de expansão e o TikTok ampliou a visibilidade com 115 mil visualizações de perfil ao longo do período. Além disso, criamos "AzMina na Área": newsletter para dividir bastidores, desafios e conquistas com a audiência.

392.936
seguidores nas redes sociais

Instagram
134.598

Youtube
59.927

LinkedIn
14.314

Bluesky
6.508

Threads
29.900

Facebook
126.500

TikTok
21.189



Na imprensa brasileira, nosso impacto cresceu 57,1% em um ano. Republicações de reportagens aumentaram 23,3%, ampliando o alcance e consolidando AzMina como referência em gênero e direitos humanos. Os dados indicam forte crescimento da autoridade editorial e da repercussão pública do Instituto.



333 citações na mídia: ampliação de 57,1% em relação a 2024 (+113 citações)

90 republicações de reportagens por outros veículos: um crescimento de 23,3% em relação a 2024 (+17 republicações)

AzMina foi tema de 17 trabalhos acadêmicos publicados em 2025. E ainda rendeu prêmio! A dissertação de mestrado da pesquisadora Sâmia Bechelane, “O jornalismo independente adentra o Parlamento: uma etnografia sobre o trabalho de Alma Preta e AzMina junto ao Congresso Nacional”, foi a vencedora da 7ª edição do Prêmio Compólítica de Teses e Dissertações 2025. Que prestígio!



acesse

Integração à REPCONE – AzMina passou a integrar a Rede de Proteção Digital para Comunicadoras Negras (REPCONE), forneceu formação em segurança digital e colaborou na **produção de uma Cartilha**.

Construções em rede

Acreditamos que é na coletividade que mudamos o mundo. Por isso, buscamos aprofundar nossas relações e parcerias.

Compusemos os comitês de Comunicação, Tecnologia e Combate à violência da Marcha Global das Mulheres Negras 2025 e participamos da construção desse que foi um dos maiores atos políticos independentes do ano.



Na Coalizão de Mídias Negras e Feministas, durante a cobertura da Marcha, estivemos juntas com outros veículos de comunicação independentes: Gênero e Número, Alma Preta, Instituto Mídia Étnica e Nós, Mulheres da Periferia.



23 organizações, coletivos e especialistas estão colaborando no desenvolvimento da IA feminista Quitéria e no projeto Elas no Congresso.



Participamos da construção da [cartilha](#) e da [pesquisa](#) do Mapa do Aborto Legal, da ARTIGO 19 Brasil e América do Sul, e coordenamos o [projeto Aborto e Democracia](#) com parceria de outros três veículos feministas do país (Nós, mulheres da periferia, Paraíba Feminina, Portal Catarinas).



acesse



acesse

Seguimos na campanha [Criança Não é Mãe](#), uma articulação coletiva para combater a violação de direitos e garantir o acesso ao aborto legal para crianças brasileiras.

Colaboramos com a [pesquisa inédita Regime de ameaça: a violência política de gênero e raça no âmbito digital](#), do Instituto Marielle Franco, em parceria com o Instituto Alziras, o coletivo Vote LGBT, o centro de pesquisa Internet LAB, além de Justiça Global e Terra de Direitos.



acesse

A partir de parcerias com a Fundación Karisma e o InternetBolívia, a experiência e a metodologia do MonitorA está sendo expandida para a Colômbia e a Bolívia.

Participamos da concepção e publicação do [Guia Narrativo Entre Nós](#), fruto do trabalho coletivo realizado durante o Encontro Mão na Massa, liderado pelo Instituto Update.

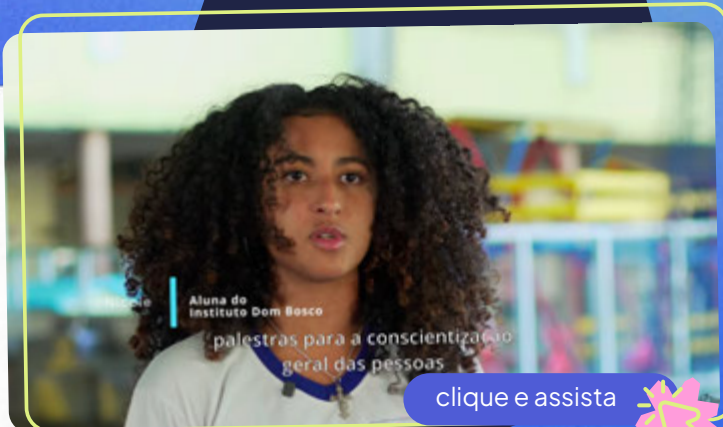


acesse

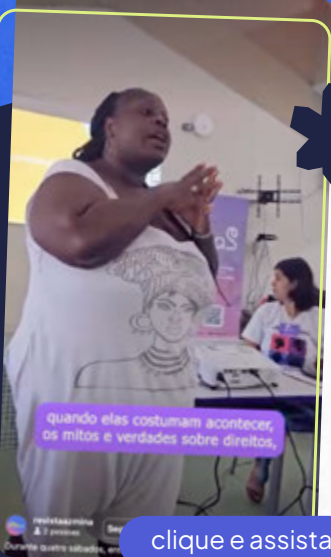
Fortalecemos mulheres na política! Participamos da realização do Festival de Inovação Política: Bancada Feminina na COP30, que reuniu, em Brasília, lideranças políticas, gestoras públicas, parlamentares e representantes de movimentos de mulheres para debater o protagonismo feminino na agenda climática e na construção de um futuro sustentável e igualitário.

Territórios e comunidades

Em parceria com a Cummins Brasil, lançamos o projeto #NãoCurtoNãoCompartilho, com formações para jovens em escolas e uma [cartilha](#) sobre VGFT (Violência de Gênero Facilitada pela Tecnologia).



clique e assista



clique e assista

Realizamos formações presenciais no complexo do Nordeste de Amaralina, em Salvador, e preparamos 40 voluntárias para atuarem como rede de apoio no enfrentamento à violência contra a mulher dentro do aplicativo PenhaS. A iniciativa, em parceria com a Tamo Juntas, integra o projeto Círculo PenhaS, que tem apoio do NIC.br.

Celebramos a resistência das mulheres indígenas no 8M. A dedicação valeu o prêmio internacional CCNow Journalism Awards de 2025 com a reportagem [Crimes ambientais na Amazônia, na categoria Deslocamentos e Migrações](#).

Estivemos junto às Defensorias Públicas do Rio de Janeiro e de Brasília com o projeto Conexões NUDEMs (Núcleos de Defesa dos Direitos das Mulheres das Defensorias Públicas), integrando o app PenhaS às redes de atendimento a mulheres em situação de violência doméstica.





Lançamos o tão esperado **Clube de Leitura** d’AzMina em parceria com o projeto História Guardada, com encontros em maio, julho, setembro e novembro e que seguirão ao longo de 2026!



Também compartilhamos nosso conhecimento e experiência com a Oxfam na **Oficina de Comunicação Feminista e Antirracista**, preparatória para a cobertura da 2ª Marcha Global das Mulheres Negras, que teve mais de 80 participantes. E ainda fizemos as oficinas de Comunicação Feminista e de Escrita Possível como recompensas da campanha de 10 anos d’AzMina no Catarse.



Iniciamos a parceria com o Território da Notícia, plataforma de distribuição de conteúdo jornalístico por meio de telas instaladas em estabelecimentos comerciais de bairros periféricos de São Paulo.

Narrativas audiovisuais



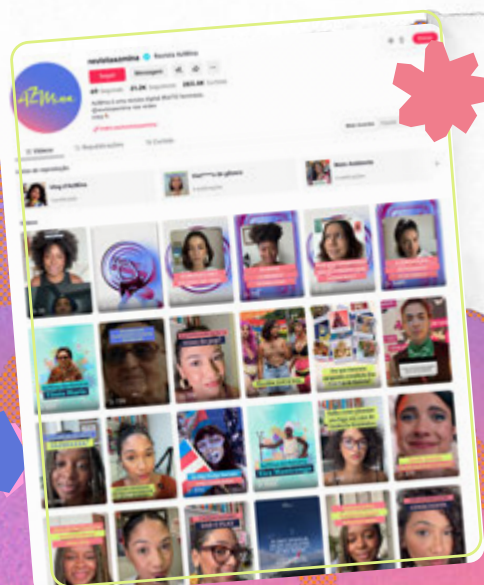
O **MonitorA** ganhou um novo desdobramento com o lançamento do curta documental “Assumindo as Narrativas”, que traduz em imagens e vozes os cinco anos de pesquisa do projeto. O curta acompanha a rotina de campanha de Joyce Trindade e traz perspectivas de parlamentares como Benedita da Silva e Érika Hilton, além de candidatas como Carmen Silva e Marina Bragante. A realização aconteceu em parceria com InternetLab, Núcleo Jornalismo e LABHUFBA.



clique e assista



Passamos a produzir vídeos específicos para o TikTok para ampliar nossa audiência e levar nossa visão do feminismo para o público da rede.



É IMPACTO

que vocês querem?

Misoginia no TikTok



A reportagem [Como o TikTok alimenta a misoginia entre adolescentes brasileiros](#), produzida pel'AzMina e Núcleo Jornalismo, serviu de base para a denúncia da deputada federal Erika Hilton (PSOL-SP) ao Ministério Público Federal. A matéria motivou o pedido de investigação sobre o algoritmo da plataforma, pedindo a interrupção do direcionamento de conteúdos misóginos e discriminatórios direcionados a adolescentes.

Ginecologistas em presídios

Uma [coluna que publicamos](#) deu visibilidade à violação sistemática de direitos reprodutivos de mulheres privadas de liberdade no Rio de Janeiro. A pauta subsidiou a atuação da deputada Renata Souza (PSOL-RJ), ampliando a pressão por fiscalização, ética médica e políticas públicas que respeitem corpos encarcerados.



Ação civil pública contra Meta, TikTok e YouTube

Investigações e denúncias publicadas na Revista AzMina integraram o conjunto de evidências que fundamentaram a ação civil pública contra grandes plataformas digitais. O foco: empresas que lucram com desinformação, misoginia e violência de gênero.

Suspensão de despejo em Cajamar (SP)

A repercussão nacional do caso, impulsionada por reportagens d’AzMina, **contribuiu para a suspensão judicial da ordem de despejo** que ameaçava centenas de famílias, muitas chefiadas por mulheres, em Cajamar, São Paulo. A informação qualificada atuou como ferramenta de defesa do direito à moradia.



Regularização de salário penal em Pernambuco

Denúncias sobre atraso no pagamento do salário penal deram visibilidade à exploração do trabalho de pessoas privadas de liberdade, especialmente mulheres. Após a repercussão, houve encaminhamentos para regularização, mostrando como transparência e pressão pública geram respostas do Estado.



Sessão itinerante da Assembleia Legislativa em Marabá (PA)

A série Parto ou sentença? foi a mais lida do ano e subsidiou uma sessão itinerante da Assembleia Legislativa do Pará (Alepa) em Marabá, com dados sobre violência obstétrica, mortalidade materna e neonatal coletados na reportagem com documentação entregue ao presidente da Alepa. A audiência resultou em uma moção da deputada Lívia Duarte (PSOL-PA) ao Ministério da Saúde solicitando atenção urgente à estrutura de saúde do município, e no compromisso da deputada Maria do Carmo (PT-PA) de acelerar a votação da lei das Doulas no estado.

Questão de prova

AzMina foi citada no Enade 2025 em uma questão sobre Inteligência Artificial ao lado de O Globo e Estadão.

Denúncia contra apologia ao estupro

A mobilização do movimento Chega de Estupro, com participação do Instituto AzMina e de outras organizações, resultou na responsabilização concreta no caso de apologia ao estupro praticada por estudantes de Medicina da Faculdade Santa Marcelina, em São Paulo. Após a divulgação de uma faixa com conteúdo que remetia à violência sexual e a forte repercussão pública da carta, a instituição abriu sindicância e expulsou 12 alunos, aplicou sanções disciplinares a outros envolvidos e interditou temporariamente a atividade acadêmica, tornando o episódio um marco no enfrentamento à cultura do estupro no ambiente universitário.



Reconhecimento da UNAIDS



O trabalho d'AzMina foi reconhecido pela UNAIDS, que parabenizou pela reportagem Mulheres no controle: a PrEP como ferramenta de poder no sexo. Fica clara a relevância da informação feminista no enfrentamento às desigualdades e às violências estruturais. O diálogo está aberto e futuras pautas estão engatilhadas.

Do advocacy ao âmbito familiar

O Projeto Meninas Mães resultou em um dossiê sobre gravidez infantil e violação do direito ao aborto legal no Brasil. Leitores de 15 estados já acessaram o material e conteúdo vem sendo utilizado para advocacy e peças jurídicas, pesquisa acadêmica, produção de novas pautas, formação educacional, qualificação de equipes de saúde e educação, formulação de políticas públicas, atuação em redes de proteção a crianças e adolescentes e também como ferramenta de aprendizado e proteção no âmbito familiar.





Cultura pop e imaginário coletivo

O nosso jornalismo furou a bolha feminista e entrou no entretenimento de massa: a análise da novela *Beleza Fatal* repercutiu nas redes e teve comentário da atriz Camila Pitanga. Além disso, fomos citadas no podcast *Café da Manhã*, do Grupo Folha, mostrando que feminismo também pauta a cultura pop, — e não fica só no rodapé do debate público.

Racismo ambiental repercutido na Câmara de Maceió

A reportagem [Pescadoras e marisqueiras adoecem devido à contaminação das águas em estados do Nordeste](#), sobre os impactos ambientais enfrentados por estas mulheres em Alagoas e Pernambuco, foi levada ao plenário da Câmara Municipal de Maceió pela vereadora Teca Nelma (PT-AL), ampliando o alcance político da denúncia e fortalecendo o enfrentamento ao racismo ambiental.

Caixa-preta digital

Enquanto Meta, TikTok e outras big techs fecham o acesso a dados públicos e APIs, empurrando pesquisadoras, jornalistas e organizações para o escuro e deixando algoritmos operarem sem transparência, o ecossistema digital se torna cada vez mais hostil à democracia e aos direitos humanos. Foi nesse contexto que AzMina decidiu encerrar suas publicações no Twitter/X: após a compra por Elon Musk, a plataforma passou a amplificar desinformação, discurso de ódio e agendas alinhadas à extrema-direita. Abrir mão de dialogar diretamente com mais de 40 mil seguidoras foi uma decisão difícil, mas coerente. Não alimentamos estruturas que violam nossos valores.

Sobre o que falamos?

A Revista AzMina aprofundou, ao longo de 2025, a cobertura de temas centrais em gênero e direitos humanos, com uma produção editorial robusta e diversa:

mais de **80 textos** de opinião e colunas

mais de **60 reportagens**

mais de **70 sugestões de pauta** recebidas via formulário

5 séries especiais de reportagens

Direitos das mulheres

Saúde das mulheres

Participação social

Sistema de justiça

Violência de gênero

Violência política de gênero

Dados e evidências

Aborto

Memória / Narrativas

Racialidade

Discurso de ódio

Racismo médico

Justiça reprodutiva

Feminicídio

Pessoas LGBTQIAPN+

Estado e políticas públicas

Virgindade

Desigualdades regionais

Incidência política

Desinformação

Racismo

Direitos reprodutivos

Plataformas digitais

Territórios

Jornalismo feminista

Autonomia

Cuidado

Interseccionalidade

Acesso à informação

Escuta qualificada

Direitos humanos

Aborto legal

Liberdade de expressão

Equidade

Mulheres negras

Jornalismo investigativo

Algoritmos

Racismo ambiental

Censura

Violência digital

Tecnologia feminista

Democracia



Quando mulheres negras marcham, o país precisa ver

Série colaborativa da Coalizão de Mídias Negras e Feministas, com AzMina na linha de frente, acompanhou a 2ª Marcha Global das Mulheres Negras por Reparação e Bem Viver, em Brasília. Apoiadas em dados e relatos potentes, as reportagens revelam a saúde negligenciada, racismo médico, violência institucional e riscos cotidianos impostos aos corpos femininos negros no país. ✨



Direito no papel, barreira na prática

Em parceria com a ARTIGO 19 Brasil e América do Sul, a série **Aborto e Democracia** investigou por que o aborto legal é tão difícil no Brasil. Ao cruzar reportagens investigativas e o Mapa do Aborto Legal, o projeto provou que o acesso ao serviço é precário. São Distâncias inviáveis, desinformação, objeção de consciência e redes fragmentadas continuam negando um direito previsto em lei. O mapa aponta caminhos possíveis e a série expõe em detalhe as barreiras de acesso a meninas, mulheres e pessoas que gestam. ✨



Enfrentamento à escravidão moderna

A reportagem **Sônia Livre: como a escravidão moderna ainda aprisiona mulheres negras no Brasil**, mostrou que o trabalho análogo à escravidão ainda é realidade no país, com mais de 5 mil casos registrados em 2023, sobretudo entre pessoas negras. Por meio da história de Sônia Maria de Jesus, que viveu nessa situação por décadas, a investigação mostrou a força do racismo estrutural somada à violência de gênero e expôs falhas do sistema de justiça que, em vez de libertá-la, mandou-a de volta à casa de seus exploradores. ✨



Saúde foi interesse da audiência

Em 2025, **diversas matérias** sobre saúde feminina estiveram entre as mais lidas da revista. Assuntos da ordem do dia, como lipedema, uso de anabolizante, **chip da beleza** e cuidado cardiovascular com mulheres negras foram pauta. ✨

Falamos do que importa.
Do que incomoda.
Do que precisa mudar.

Os GRANDES PROJETOS do ano

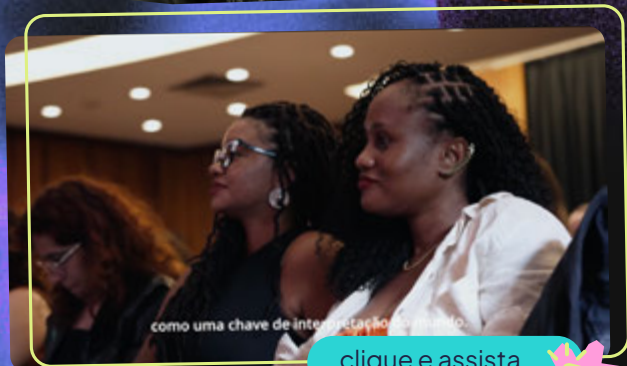
2025 foi o ano! AzMina transformou ideias em presença, dados em pressão e conexões em ação. O que vem a seguir são os projetos que marcaram o ano e seguem gerando impacto!

Um evento para pensar o futuro do feminismo

O Festival AzMina: 10 anos Sonhando Feminismos foi onde o debate saiu da timeline e ganhou corpo, voz e pista de dança. Realizado em São Paulo, na Biblioteca Mário de Andrade, o encontro celebrou nossa trajetória de 10 anos, reunindo mais de 500 pessoas.

Comunicação, política, tecnologia, cultura e feminismo dividiram espaço em debates, performances e oficinas que discutiram tecnologias feministas, direitos reprodutivos, narrativas e representatividade, enfrentamento às ofensivas conservadoras e os desafios da inteligência artificial – e como também estamos ativas neste campo, com o lançamento da QuiterIA!

Com auditório cheio, trocas diretas com o público e conexões que continuaram depois do último aplauso, o festival se firmou como um espaço de articulação e reflexão coletiva para seguirmos construindo futuros feministas! ✨



clique e assista

Vai ter IA feminista, sim!

Durante o Festival, lançamos a **Quitéria, a primeira inteligência artificial feminista** para monitoramento legislativo sobre meninas, mulheres e pessoas LGBTQIAPN+ no Congresso Nacional. Batizada em homenagem à heroína Maria Quitéria de Jesus, que quebrou as regras do século XIX para lutar de igual para igual na Independência da Bahia, a Quitéria enfrenta as tecnologias patriarcais.

Diferente das IAs que reproduzem opressões por serem treinadas com o que “tem na internet”, a nossa aprendeu com anos de trabalho feminista e interseccional do projeto Elas no Congresso, analisando milhares de proposições uma a uma, para entender o que ajuda e o que atrapalha. Nossa ferramenta automatiza o que antes dependia de muitas especialistas voluntárias analisando toda a agenda de gênero do Congresso, acelerando (e muito!) o acesso a dados qualificados sobre o tema. ✨



clique e acesse



Não basta
denunciar:
**é preciso
sustentar,
proteger e
acompanhar**



clique e acesse



Criança não é mãe! O projeto **Meninas Mães** escancarou, com dados e histórias reais, a maternidade infantil como violação de direitos: **cerca de 57 meninas entre 10 e 14 anos dão à luz todos os dias no Brasil**, mesmo quando a lei garante o direito ao aborto legal. Durante 10 meses de apuração, mapeamos grandes distâncias, falhas do Estado e violência institucional, cruzamos dados oficiais, construímos mapas dinâmicos e ouvimos meninas e suas famílias. Tudo para mostrar como o Brasil permite que suas meninas vivam gestação e parto, mesmo tendo direito ao aborto. ✨

Sozinhas, sobrevivemos. Em rede, transformamos

O Conexões NUDEMs, do PenhaS, articulou defensorias públicas em torno do aplicativo PenhaS, encurtando caminhos para mulheres que precisam de apoio imediato. Fizemos parcerias estratégicas com os NUDEMs do Rio de Janeiro, do Distrito Federal e de municípios como Japeri (RJ), com reuniões presenciais, ações de atendimento, articulação territorial e presença em espaços comunitários. Também participamos do **podcast Vozes Entrelaçadas**, ampliando a visibilidade do PenhaS e das redes de enfrentamento à violência. ✨



clique e acesse



ONDE CHEGAMOS?

Ao longo do ano, AzMina esteve em dezenas de eventos, debates, seminários e encontros no Brasil e no exterior, levando jornalismo feminista, tecnologia e incidência política para além das telas. **Mas a gente separou alguns destaques:**

Me Too Internacional

AzMina integrou articulações globais do **movimento Me Too**, com outras 120 organizações da América Latina, Caribe e África, conectando o debate brasileiro sobre violência de gênero a redes internacionais de enfrentamento e incidência.

Guia de educação midiática da Unesco

Conteúdos e metodologias d'AzMina foram incorporados a um **guia da Unesco voltado à educação midiática**, reconhecendo o jornalismo feminista como ferramenta contra desinformação. Só duas iniciativas brasileiras aparecem entre os estudos de caso da iniciativa, AzMina e Amazônia Vox.

Accesse o Guia



Rodamos por aí

Fizemos trocas muito produtivas! Participamos e conduzimos debates, série interativa e oficinas no **20º Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo (Abraji)** e palestramos sobre gênero e direitos humanos no evento da **ONG Repórter Sem Fronteiras sobre Mulheres Jornalistas**, e no **Festival 3i**. Também batemos ponto na **Conferência Latino-american de Jornalismo Investigativo (COLPIN 2025)**, em Buenos Aires. Estivemos ainda no **13º Congresso GIFE, em Fortaleza**, no **II Encuentro Diálogos Intermovimientos sobre la Democracia: de la Crisis a la Acción, em Lima (Peru)**, e em mais uma edição do **Festival WOW**, no Rio de Janeiro.

Com a palavra, quem nos acompanhou nesta década



Por onde vou e por onde eu troco, sempre levo a palavra d’AzMina debaixo do braço e sempre uso de referência tanto para outros trabalhos que eu vou fazer quanto também para levar outras mulheres a conhecerem o feminismo interseccional.

Afro Honey, criadora de conteúdo e estudante de comunicação social



Escute o depoimento na íntegra



Por mais que fôssemos super bem intencionadas, nós (as co-fundadoras) éramos só um grupo de mulheres brancas - e a gente precisava trazer outras mulheres se quiséssemos ser realmente diversas. Os anos fizeram isso com AzMina (ainda bem!!), a revista cresceu, ganhou muita relevância e de fato passou a ter, refletir e conversar com ‘mulheres de A a Z’.

Carolina Vicentin, jornalista, co-fundadora e associada d’AzMina



O MonitorA salvou minha vida, porque simplesmente os juízes não acreditavam na violência que eu sofri. Teve uma última eleição que eu disputei em que 95% da violência performada nas redes era dirigida a mim. Isso me deu instrumento para as batalhas jurídicas, que a gente sabe que são absolutamente árduas.

Manuela d’Ávila, jornalista e política





“ Nas eleições de 2022, eu me assustei com a forma como a mídia foi usada para disseminar desinformação e notícias falsas, inflamando discursos de ódio, preconceito e discriminação. Então, comecei a buscar por veículos de mídia independentes, antirracistas, feministas e comprometidos com a democracia e com a construção de um país mais justo e menos desigual. Foi aí que encontrei AzMina e passei a acompanhar seu trabalho. Um tempo depois, me tornei apoiadora. Entendo que minha contribuição tem um papel político: o de fortalecer as vozes de mulheres e pessoas transdiversas. Eu torço para que essa comunidade se fortaleça. ”

Yas Morais, parte da comunidade que apoia AzMina e membro do nosso clube de leitura

“ Sou muito grata pela existência do aplicativo PenhaS. Aqui sou ouvida, orientada e acolhida. Espero que todas as mulheres vítimas de violência doméstica tenham essa mesma coragem de enfrentamento e busquem apoio. Muito obrigada! ”

Usuária anônima do PenhaS



“ AzMina ressignifica a tecnologia e a utiliza a serviço da justiça de gênero: do aplicativo que apoia pessoas que sofrem violência de gênero ao desenvolvimento de uma ferramenta de IA para monitorar o legislativo, AzMina tem encontrado maneiras inovadoras de usar a tecnologia para alcançar conquistas feministas. ”

Ashley Rerrie, program officer do Equality Fund, um dos financiadores d'AzMina desde 2021

SONHE feminismos CONOSCO

O que
esperar
d’AzMina
em 2026?

Em 2026, seguiremos fazendo jornalismo que não pede licença: investigações profundas sobre violência de gênero, direitos reprodutivos, justiça racial, tecnologia, democracia e poder — com mais vozes, mais territórios e mais gente participando da conversa.

Na tecnologia, a gente continuará puxando o fio. Com o PenhaS chegaremos mais longe, cuidando de mais mulheres em situação de violência doméstica em todos os cantos do país. A QuitérIA ganhará novas camadas, para ser ferramenta de uso diário para jornalistas e redações monitorarem o Legislativo. Dados, inovação e tecnologias cívicas seguem como armas legítimas na defesa dos direitos de mulheres, meninas e pessoas LGBTQIAPN+.

Em um ano eleitoral – que começa marcado por mudanças na

geopolítica mundial, guerras e deterioração democrática e desinformação impulsionada pela inteligência artificial –, nossa atuação será marcada por ação estratégica e disputa de narrativas, de modo que não apenas barremos retrocessos, mas que sigamos semeando outros imaginários no que diz respeito à luta pela igualdade de gênero no Brasil.

Por trás desse movimento, tem um Instituto que escolhe ser forte por dentro pra continuar sendo radical por fora. Isso significa estreitar o relacionamento com pessoas e instituições que acreditem na nossa missão de forma integral, garantindo uma sustentabilidade que vá além de projetos específicos e permita a continuidade da nossa existência política, sempre garantindo condições dignas de trabalho para nossa equipe, combatendo a romantização da sobrecarga. ✨

Entrando na segunda década, AzMina dobra a aposta. A gente acredita que jornalismo muda realidades, que tecnologia pode cuidar e que o futuro feminista não é promessa: é realidade construída coletivamente.

Convidamos você a seguir sonhando feminismos conosco!

Em 2026,
seguimos com
 muitas vozes
e ainda **mais**
 impacto.

Apoie agora!

Assine a newsletter



Acesse a Revista



Conheça o Instituto



instituto.
azmina